

SEMIÓTICA TENSIVA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

TENSIVE SEMIOTICS: THEORETICAL FOUNDATIONS

Conrado Moreira Mendes¹

RESUMO: Considerando-se o presente dossiê temático, que visa a estabelecer um panorama sobre estudos teórico-metodológicos de diversas teorias do discurso, apresentam-se, neste artigo, os principais fundamentos teóricos da semiótica tensiva. Desenvolvimento atual da semiótica de linha francesa, tal vertente teórica, desenvolvida sobretudo pelo semioticista francês Claude Zilberberg, pode ser caracterizada por, em linhas gerais, conceder lugar privilegiado à continuidade e à afetividade no discurso. A semiótica, disciplina cujo objeto de estudo é a significação, possui uma base interdisciplinar que faz dela uma das mais avançadas teorias do texto/discurso da atualidade. Uma das teorias de que se valeu para configurar-se como disciplina foi a fenomenologia, a qual vem sendo resgatada nas últimas décadas pelos estudos semióticos. Essa virada fenomenológica, dentro da qual se insere a semiótica tensiva, implica uma mudança em que o aspecto sensível da significação se sobrepõe ao inteligível. Desse modo, o presente artigo apresenta em primeiro lugar, a relação entre semiótica e fenomenologia, destacando o conceito merleau-pontyano de campo de presença. Em seguida, aborda a questão da continuidade e do afeto na teoria e, finalmente, apresenta seus principais fundamentos teóricos e metodológicos, cujo principal instrumento analítico é o espaço tensivo, resultado da projeção do eixo intensidade (estados de alma) sobre o eixo da extensidade (estados de coisas). Assim, a semiótica tensiva, que encontra na França e no Brasil seus principais polos de desenvolvimento, emerge como uma perspectiva teórica cada vez mais sólida para dar conta de fenômenos textuais e discursivos, caracterizados pela instabilidade, pela afetividade e pelo fortuito.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica francesa. Tensividade. Fundamentos teóricos.

ABSTRACT: Considering this thematic dossier, which aims to establish an overview of theoretical and methodological studies of various theories of discourse, we present in this paper the main theoretical foundations of tensive semiotics. Current development of French semiotics, such theoretical approach, developed mostly by the French semiotician Claude Zilberberg, it can be characterized by, in general, grant privileged place for the continuity and affection in discourse. Semiotics, discipline whose object of study is the meaning, has an interdisciplinary basis making it one of the most advanced theories of text/discourse presently. One of the subjects that drew to configure itself as a discipline was phenomenology, which has been rescued in recent decades by semiotic studies. This phenomenological turn, into which fits the tensive semiotics, implies a change in which the sensitive aspect of meaning overlaps the intelligible. Thus, this paper presents firstly the relationship between semiotics and phenomenology, highlighting the Merleau-Ponty's concept of the presence field. Secondly, it addresses the question of continuity and affection in theory and, finally, presents

¹ Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: conradomendes@yahoo.com.br

its main theoretical and methodological foundations, whose most important analytical tool is the tensive space, a result of the intensity axis projection (sensible) on the axis of extent (intelligible). Therefore, the tensive semiotics, which has in France and Brazil its prominent poles of development, progressively emerges as a solid theoretical perspective to analyze textual and discursive phenomena, characterized by instability, affection, by chance, in short, by event.

KEYWORDS: French semiotics. Tensivity. Theoretical foundations.

“Não estamos interessados [...] na constatação trivial da presença de uma isotopia afetiva no discurso, e sim na compreensão de sua repercussão.”

Claude Zilberberg

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o presente dossiê temático, dedicado aos estudos teórico-metodológicos sobre diversas teorias do discurso, falaremos de uma dessas correntes, a qual, segundo Lara e Mendes (2011, p. 107), graças à base interdisciplinar em que se ancora², trata-se “uma das teorias mais avançadas atualmente para o trabalho com o texto/discurso³”: a semiótica francesa ou, ainda, a semiótica greimasiana, em homenagem a seu maior expoente, Algirdas Julien Greimas. Especificamente, vamos nos deter em um de seus desdobramentos atuais, a semiótica tensiva, desenvolvida principalmente pelo semioticista francês Claude Zilberberg, a qual, em linhas gerais concede espaço privilegiado ao contínuo e ao afeto no discurso (Cf. FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001; ZILBERBERG, 2007, 2011a, 2011b).

A vertente tensiva se inscreve no que se chama atualmente de *tournant phénoménologique* da semiótica, graças ao resgate de autores como Merleau-Ponty, a partir da qual, essa teoria, cujo objeto é a significação, valeu-se, por assim dizer, de um olhar fenomenológico, que leva em conta um estar no mundo e, por conseguinte, um sujeito afetado pelos fenômenos do mundo. Antes, entretanto de abordar o atual momento por que passa a

² A semiótica tem uma rica base interdisciplinar composta, por exemplo, pela fenomenologia merleau-pontyana, pela antropologia estrutural de Lévi-Strauss, pela narratologia de Propp, pela sintaxe estrutural de Tesnière, entre muitos outros, além, evidentemente, da base mais inequívoca, que é linguística de Saussure e Hjelmslev.

³ Para a semiótica, o texto corresponde à união do plano do conteúdo com o plano da expressão (seja verbal, não verbal ou sincrético). O discurso refere-se, por sua vez, ao plano do conteúdo, o qual se estuda por meio do percurso gerativo do sentido.

semiótica, parece-nos importante citar, ainda que brevemente, as fases que estabeleceram as condições para o que se pode chamar de analítica do sensível.

Assim, a semiótica, em sua primeira fase, procura constituir o percurso gerativo do sentido, simulacro de interpretação do plano do conteúdo dos textos, cuja gênese já se encontrava na obra seminal da teoria, *Semântica estrutural*. Em seguida, passa a interessar-se pela competência modal do sujeito, de modo a configurar claramente uma semiótica da ação. Num terceiro momento, ganha ênfase o estudo das modalizações que criam as bases para que, numa quarta fase, a semiótica passe a trabalhar com a noção de paixão, isto é, com efeitos de sentido de arranjos modais que alteram um sujeito de estado. Passa-se, desse modo, de uma semiótica dos “estados de coisas” a uma semiótica dos “estados de alma” (cf. LARA; MATTE, 2009)

Atualmente, diversos desdobramentos teóricos da semiótica fundada por Greimas tratam da questão do sensível, e um deles é notadamente a semiótica tensiva. Essa temática – a das paixões, a do afeto, a das emoções no discurso, etc. – está na agenda científica de diversas teorias do discurso e encontra nos estudos sobre tensividade um conjunto de conceitos e procedimentos que dão conta de textos caracterizados pela instabilidade, pelos fenômenos da ordem da continuidade e, principalmente, pela afetividade no discurso. Por todas essas razões, acreditamos que falar sobre a semiótica tensiva num dossiê que reúne diversas orientações discursivas é salutar, na medida em que a teoria encontra na França e no Brasil grandes polos de desenvolvimento teórico e de aplicação.

Para compreender melhor esse movimento da teoria semiótica em direção ao aspecto sensível da significação, é necessário retomar as principais obras da teoria que conferem os alicerces da semiótica de vertente tensiva. Assim, o presente artigo, em primeiro lugar, aborda a relação entre semiótica e fenomenologia. Num segundo momento, versa sobre a questão da continuidade e do afeto na teoria e, finalmente, apresenta seus principais fundamentos teóricos e metodológicos. Trata-se, destarte, de um artigo de cunho teórico e epistemológico, cuja extensão e detalhamento da teoria aqui apresentados inviabilizariam uma seção analítica, considerando-se os limites de um artigo. Procura-se, assim, evidenciar a semiótica tensiva como prolífica perspectiva teórica e metodológica para a análise de textos caracterizados pela instabilidade, pela continuidade, pela contingência, e, em suma, pelo acontecimento.

SEMIÓTICA E FENOMENOLOGIA

A importância concedida ao sensível a partir de *Semiótica das paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993) e *Da imperfeição* (GREIMAS, 2002) levaram a semiótica a passar pelo que Zilberberg (2011a, p. 12) denomina “virada fenomenológica” [*tournant phénoménologique*], a qual, aos olhos do autor, “efetiva ou não, justificada ou não [...] constitui uma intimação”. Beividas (2011, p. 13) assim descreve como se dá esse processo: “um movimento de progressiva e global primazia do sensível sobre o inteligível, a vantagem do afetivo sobre o cognitivo, a antecedência do percebido sobre o concebido”.

Sabe-se, entretanto, que a influência de alguns pressupostos da fenomenologia na semiótica pode ser verificada desde o nascimento da teoria greimasiana, quando, por exemplo, em *Semântica estrutural*, Greimas (1973, p. 15) trata da percepção como condição necessária a toda e qualquer produção de sentido, definindo-a como “o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação”. O autor ainda declara:

A afirmação de que as significações do mundo humano se situam no nível da percepção consiste em definir a exploração no mundo do senso comum, ou como se diz, no mundo sensível. Pelo fato de serem os significantes [...] detectáveis, no momento da percepção, [...] são eles automaticamente remetidos ao universo natural manifestado ao nível das qualidades sensíveis (GREIMAS, 1973, p. 16-18).

Estabelece-se, assim, um ponto de intersecção entre fenomenologia e semiótica, ao cotejarmos a fala de Greimas a respeito da percepção com a seguinte asserção de Merleau-Ponty (2006, p. 280): “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção”.

Outro ponto de cruzamento entre tais disciplinas encontra-se na premissa de que a condição humana é a do *homo symbolicus*: “Porque estamos no mundo, estamos *condenados ao sentido*” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 18). De forma correlata, para Greimas (1970, p. 12), “o homem vive em um mundo significante. Para ele, o problema do sentido não é colocado, o sentido é posto, ele se impõe como uma evidência, como um ‘sentimento de compreensão’ absolutamente natural”. O semioticista também afirma: “O mundo humano se

define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa” (GREIMAS, 1973, p. 11).

Ainda que haja pontos em comum que subjazem tanto à fenomenologia quanto à semiótica, faz-se necessário assinalar algumas diferenças entre ambas as disciplinas. Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 1), para a fenomenologia, “o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão como uma presença inalienável”. Apontemos, assim, o que nos parece, a princípio, um ponto de divergência. Para a teoria greimasiana, o mundo natural é uma semiótica – a semiótica do mundo natural – à qual temos acesso por meio da relação com a semiótica da língua (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 324-325). O mundo, para a semiótica, portanto, não está “ali” – *senão perpassado pela linguagem*. E aí está toda a diferença. Bevidas e Ravanello (2006, p. 135) são felizes ao enunciar o que para nós impõe-se como pressuposto do estudioso da linguagem e dos discursos em geral: “A linguagem ou o discurso não cria o mundo *ex nihilo*, mas, uma vez em cena, o mundo está recriado à sua imagem e estrutura”.

Ainda sobre essa questão, Merleau-Ponty (2006, p. 296) afirma a respeito do mundo, do real, das coisas mesmas: “Temos a experiência de um mundo *não no sentido de um sistema de relações* que determinam inteiramente cada acontecimento, mas no sentido de uma totalidade aberta, cuja síntese não pode ser acabada” (itálicos nossos). Ora, sabemos que a semiótica, a partir de sua raiz hjelmsleviana, estruturalista, privilegia a relação em detrimento dos termos:

Os “objetos” do realismo ingênuo reduzem-se, então, a pontos de intersecção desses feixes de relacionamentos [...] Os relacionamentos ou as dependências que o realismo ingênuo considera secundários e como pressupostos dos objetos tornam-se, para nós, essenciais: são a condição necessária para que existam pontos de intersecção (HJELMSLEV, 2006, p. 28).

Assim, à primeira vista, já se podem notar alguns pressupostos distintos entre fenomenologia e semiótica, razão pela qual pensamos que não seria prudente considerar “a virada fenomenológica” da semiótica uma mudança de pilares teóricos. Por conseguinte, a semiótica tensiva, a nosso ver, não corresponde a uma “fenomenologização” da semiótica, mas, antes, a abordagem que concede lugar privilegiado à experiência e que, por isso, promove uma semiotização de alguns elementos da fenomenologia:

Na mesma medida em que a prevalência concedida ao percebido parece afastar a semiótica de suas referências linguísticas declaradas, a atenção que

dedicamos [...] ao vivenciado e ao experienciado permite manter intacta, sem que se possa falar em paradoxo ou provocação, a referência linguística (ZILBERBERG, 2011a, p. 12).

Essa base linguística aludida por Zilberberg encontra continuidade na visão de Beividas (2011, p. 16, 31), a partir da qual, o autor concede primazia ao ato semiológico (relativo à linguagem) sobre o ato fenomenológico (relativo à percepção):

Para compreender como *locus* de emergência do sentido, a verdadeira metamorfose qualitativa valencial e valorativa que a percepção humana opera por sobre um contínuo que os dados brutos, quantitativos e amorfos do real, apresentam ao sujeito, para então se tornar “mundo”, a única maneira é ver tal percepção induzida pela contínua ação do pacto semiológico, portanto, percepção semiologizada ou semiotizada. [...] Noutros termos, o sujeito percebe não pelos órgãos do sentido mas pela organização de sua linguagem, percebe aquilo que a sua linguagem o levou a categorizar. A percepção humana é, antes, uma semiocepção.

Em suma, talvez fosse o caso de entender essa virada fenomenológica, na esteira da expressão utilizada por Beividas (2011, p. 14), como uma *mirada fenomenológica*, “tentando revitalizar o sentido latino do termo: mirar, admirar”. Trata-se muito mais de uma inspiração, ou, como dissemos, de uma semiotização de alguns elementos da fenomenologia do que o contrário.

No que respeita especificamente à semiótica tensiva em sua relação com a fenomenologia, parece-nos importante ressaltar a preocupação daquela na esteira desta “[com] a relação existencial, imediata, imperativa entre o eu e o não-eu” (ZILBERBERG, 2011a, p. 41). Por isso, cabe enfatizar a diferença do sujeito greimasiano em relação ao sujeito da teoria tensiva. Segundo Zilberberg (2011a, p. 284), o sujeito do fazer, que se define pela relação de transformação (Cf. GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 488), “[...] torna-se competente e se desvencilha das dificuldades por antecipação”. Para a semiótica tensiva, o sujeito é o do sentir, do sofrer:

Quem é esse tipo de sujeito que, *por vezes* a contragosto, vê o acontecimento irromper e revirar seu campo de presença? É um sujeito sensível e, por catálise, sensível ao extremo ardor das subvalências de andamento e tonicidade que subjetivam o sobrevir do inesperado e precipitam o sujeito da esfera familiar do agir para a esfera extática do sofrer (ZILBERBERG, 2011a, p. 284).

Entretanto, a teoria prevê tanto um sujeito da apreensão, ou seja, que é invadido pelo objeto que adentra bruscamente o campo de presença sem qualquer aviso prévio, quanto o sujeito do foco, que antevê a chegada do objeto, graças à lentidão de sua pervinda. Trata-se, nas palavras do autor, de um “sujeito ambivalente”:

Esse exame superficial nos fornece uma fisionomia do sujeito *ambivalente*: a dualidade dos modos de eficiência [pervir vs. sobrevir] faz do sujeito do estado um ser ao sabor do acontecimento que o despoja, sem a menor cerimônia, das competências geradoras de sua confiança em si e de sua coragem diante das adversidades da vida cotidiana. Em compensação, a dualidade dos grandes operadores discursivos [implicação vs. concessão] atribui ao sujeito uma capacidade de denegação – segundo alguns, de revolta – que lhe permite contradizer diretamente o que lhe foi imposto (ZILBERBERG, 2011a, p. 285-286).

Portanto, a condição ambivalente do sujeito tensivo tanto faz dele um sujeito do fazer, pela ótica do pervir, como um sujeito do estado, um sujeito da estesia, pela ótica do sobrevir.

Assim, um dos conceitos advindos da fenomenologia de que se valeu a semiótica tensiva para lidar com a questão do sensível, do vivenciado, do experienciado, é, notadamente, o de “campo de presença”. Fontanille e Zilberberg (2001, p. 123) resgatam o conceito merleau-pontyano configurando a presença em termos dêiticos “a partir de uma espécie de presente linguístico”:

Nosso ponto de partida estará constituído pela pressuposição recíproca entre, por um lado, “o campo de presença”, considerado como o domínio espaço-temporal em que se exerce a percepção, e, por outro, as entradas, as estadas, as saídas e os retornos que, ao mesmo tempo, a ele devem seu valor e lhe dão corpo (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 123).

Pela perspectiva semiótica, o campo de presença se estabelece sincronicamente à chegada de um fato semiótico, ou seja, não preexiste ao discurso: as grandezas pervêm ou sobrevêm – lenta ou abruptamente – e ao fazê-lo, configura-se tal espaço. Logo, uma presença que adentra esse campo é sentida, em termos de intensidade, e quantificada, em termos de extensidade. Por isso, a grandeza semiótica é sempre relacional, tensiva e complexa, uma vez que, por um lado, correlaciona uma dimensão intensiva e, por outro, uma extensiva. Retomaremos a semiotização do campo de presença na seção 3. Cabe agora apresentar como a teoria concebe o afeto e a continuidade.

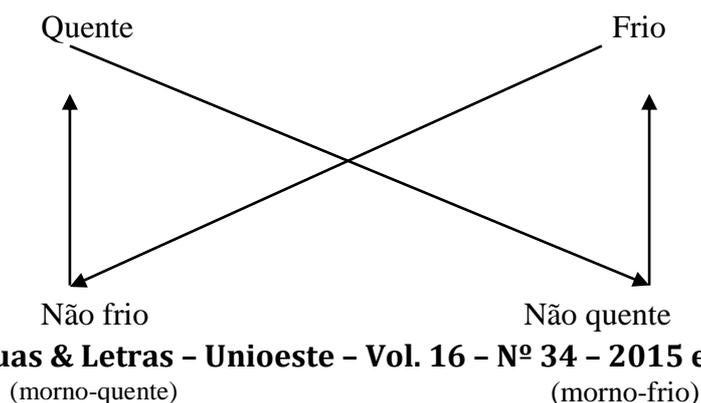
SOBRE O CONTÍNUO E O AFETO

Para a semiótica, a significação se constitui a partir de unidades discretas, entretanto, a essa discretização subjaz um *continuum*, que já é uma potencialidade de sentido (Cf. GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 10, 15). Assim, o ponto de vista tensivo estabelece-se em complemento e não em substituição à semiótica greimasiana. Não se trata, portanto, de trocar o discreto pelo não discreto, pois, como afirma Zilberberg (2011a, p. 16): “a ‘casa do sentido’ é vasta o bastante para acolher tanto o contínuo, quanto o descontínuo, mesmo porque nem este nem aquele fazem sentido por si mesmos, mas apenas por sua colaboração”.

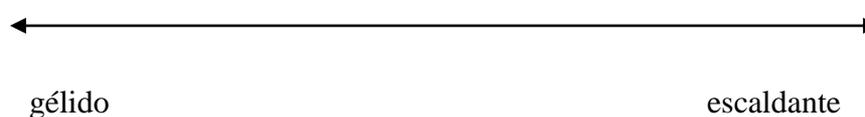
No que tange à continuidade, a semiótica tensiva oferece à teoria greimasiana a noção de gradação, sem a qual não seria possível analisar determinados fenômenos cuja característica principal não é a oposição, mas a diferença em algum grau, ou, nas palavras de Zilberberg (2011a, p. 14), o “intervalo”:

Dizer que [a] se opõe a [b] equivale a dizer que [a] se afasta “em maior ou menor medida” de [b], e que esse afastamento tem de ser avaliado pela simples razão de que ele corresponde à sua própria definição! Tal escolha leva a conceber, entre [a] e [b], um vão, um intervalo, ocupando-o ou preenchendo-o de alguma maneira (p. 22).

Tomemos, assim, o seguinte exemplo: o “quente” se opõe ao “frio”, termos considerados contrários no quadrado semiótico. Entretanto, o “morno” se difere tanto do “quente” quanto do “frio”. Entre tais elementos, portanto, existe um intervalo em relação ao valor que cada um deles possui. Também poderiam ser acrescentados, nesse *continuum*, o “morno-quente” e o “morno-frio”, termos que, no quadrado semiótico, seriam chamados de contraditórios (“não frio” e “não quente”, respectivamente), conforme pode ser visto a seguir:



Entretanto, além desses, poder-se-iam considerar inúmeras possibilidades, numa escala gradual, entre o “quente” e o “frio”. Pode-se, inclusive, incluir num dos polos dessa gradação o termo mais frio que o frio (gélido) e, no outro, o mais quente que o quente (escaldante). Assim, pelo ponto de vista tensivo, estabelece-se uma gradação que vai do frio (“gélido”) até o mais quente (“escaldante”), ao invés de se opor o “quente” ao “frio”, conforme se vê a seguir:



Pela representação gráfica acima, são inúmeras as possibilidades – os intervalos – entre o “gélido” e o “escaldante”. Tratar o sentido pela ótica da tensividade, do contínuo, permite-nos, conforme dissemos, abordar fenômenos cujo sentido se estabelece de forma gradual. Os termos “gélido” e “escaldante”, que propusemos a partir do par “frio” vs. “quente”, pela terminologia de Zilberberg (2011a), são chamados de sobrecontrários. Tais termos carregam, por assim dizer, um germe concessivo. Isso porque, por uma lógica implicativa (da ordem do “se... então”), está previsto esquentar o frio ou esfriar o quente, uma vez que o frio pressupõe o quente e vice-versa. No entanto, esquentar o gélido (mais frio que o frio) ou esfriar o escaldante (mais quente que o quente) já significa acionar uma lógica concessiva, uma operação não prevista (da ordem do “embora... entretanto”). Na tabela a seguir, pode-se observar a representação dos termos subcontrários e sobrecontrários em questão:

GÉLIDO	FRIO	QUENTE	ESCALDANTE
termo sobrecontrário	termo subcontrário	termo subcontrário	termo sobrecontrário

Essa exemplificação, a partir de um exemplo simples (“quente” vs. “frio”), mostra como o nível tensivo resulta de uma leitura de natureza gradiente do nível fundamental do percurso gerativo greimasiano, no qual o quadrado semiótico representa as oposições semânticas de base dos textos. Para Fontanille (2007, p. 74), o quadrado semiótico:

Reúne diferentes tipos de oposição para deles fazer um esquema coerente. Todavia, ele apresenta a categoria como um todo já acabado, que não está mais sob o controle de uma enunciação viva. Ademais, em sua versão clássica, transforma a categoria em um esquema formal que não mantém mais relação alguma com a percepção e a abordagem sensível dos fenômenos.

Segundo ainda o autor (FONTANILLE, 2007, p. 75), um modelo que contemple as estruturas elementares da significação, tal como o tensivo, deve dar conta principalmente das conexões entre o sensível e o inteligível e de respeitar a complexidade dos fenômenos tal como se apresentam no discurso.

Landowski (2002, p. 130), por seu turno, ressalta “a necessidade de superar a concepção dualista ‘sensitivo’ *versus* ‘cognitivo’ – que a mais ampla tradição filosófica nos impõe como ponto de partida”. Cabe dizer que, apesar das diferenças entre as proposições deste autor, estudioso de uma “semiótica das experiências sensíveis”, em relação às da semiótica tensiva, sobre esta questão – primordial, diga-se –, estabelece-se um ponto pacífico que é justamente não tomar o inteligível e o sensível como duas instâncias que funcionam em separado, mas, ao contrário: o concebido e o vivenciado se implicam e se condicionam mutuamente num processo em que um não tem existência própria sem o outro: “A particularidade do ponto de vista tensivo [consiste em] discernir as condições de uma reciprocidade ininterrupta do afeto e da forma” (ZILBERBERG, 2011a, p. 45).

Não se trata, entretanto, de uma correlação em condições iguais de força, por assim dizer. A semiótica tensiva concede primazia, nesse processo, ao afeto, à intensidade, a qual é regente da extensidade (questão à qual ainda voltaremos). Por isso, aos olhos de Zilberberg (2011a, p. 14), a teoria tensiva “contenta-se em apresentar um ponto de vista que realça algumas grandezas até então tidas por irrelevantes, as grandezas afetivas”. O autor, assim, defende uma dependência do sentido em relação à afetividade.

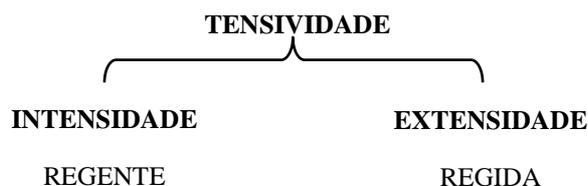
Acerca dessa questão, a semiótica tensiva e a psicanálise têm no afeto o ponto central de seus interesses. Todavia, enquanto esta o toma através do conceito de pulsão, uma espécie de força motriz inconsciente dos sujeitos, aquela pensa a afetividade em termos de sincronia:

Enquanto a psicanálise afirma uma anterioridade insuperável da afetividade, que reduz o presente à condição de um rebento, uma hipotipose mal dissimulada do passado remoto do indivíduo (o chamado “recalque”), nós, de nossa parte, pensamos a afetividade na sincronia, como um conjunto de funções descritíveis, analisáveis e sobretudo ‘gramaticalizáveis’” (ZILBERBERG, 2011a, p. 27).

A “gramaticalização” do afeto em sua sincronia é, assim, um dos pressupostos fundamentais da semiótica tensiva: “Como poderíamos conceber que aquilo que afeta, comove o sujeito – irrompendo, em geral, de forma inesperada – não se instalasse de direito, no centro do campo discursivo?” (ZILBERBERG, 2011a, p. 101). Assim, para a semiótica tensiva, o afeto não pressupõe o discurso, mas lhe é sincrônico. Zilberberg (2011a, p. 12), ao conceber uma definição para a gramática tensiva, evoca o termo “gramática do afeto”, expressão que, para ele, não equivale a um oxímoro. Portanto, por tal perspectiva, o afeto é gramaticalizável, pois constitui-se na e pela linguagem.

SEMIOTIZAÇÃO DO CAMPO DE PRESENÇA: A TENSIVIDADE

A afetividade (foria, estesia), pela ótica tensiva, torna-se categoria de primeira ordem, denominada intensidade. Esta rege, governa, a extensidade: os estados de coisas, o inteligível. Assim, a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade se une à extensidade. Poder-se-ia dizer ainda, em termos hjelmslevianos, que a tensividade é a função, enquanto intensidade e extensidade são os funtivos, ou, ainda, a tensividade é a categoria, enquanto a intensidade e a extensidade são os termos. Vejamos o seguinte esquema:

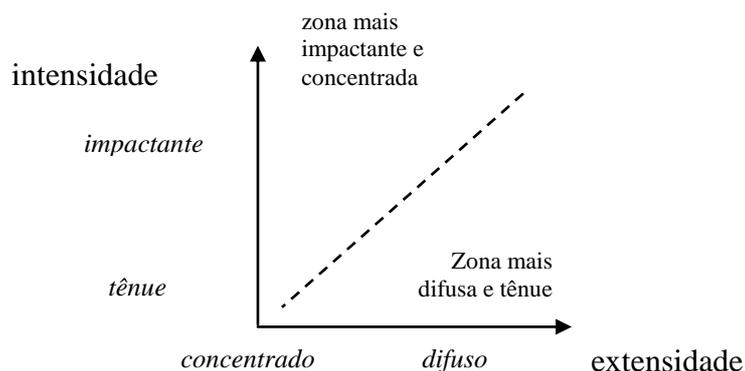


A junção do eixo da intensidade (sensível), na linha das ordenadas, e do eixo da extensidade (inteligível), na linha das abscissas, definem o espaço tensivo, que recebe e qualifica as grandezas que têm acesso ao campo de presença. O espaço tensivo é, dessa forma, nas palavras de Zilberberg (2011a, p. 253), “uma representação espacial cômoda dos estados e acontecimentos que surgem no campo de presença”. Vejamos o diagrama:



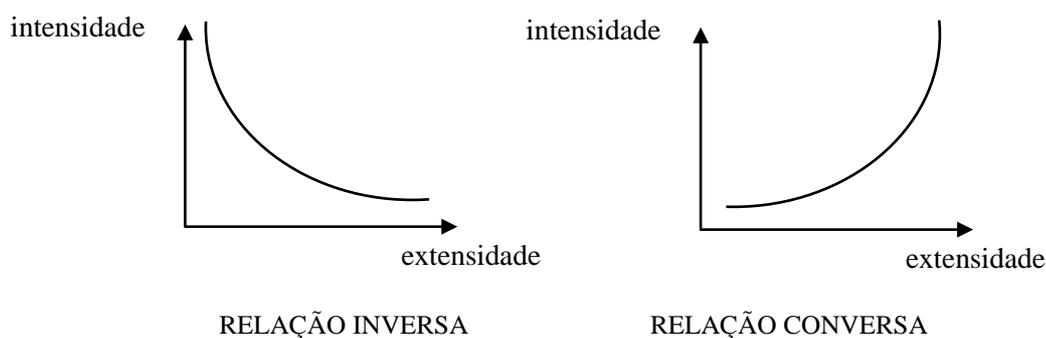
Esse espaço é necessariamente complexo, porquanto é produto da relação *sine qua non* dos estados de alma com os estados de coisas. Um fato semiótico, por sua vez, é condicionado – ou ainda, só tem existência semiótica – no e pelo espaço tensivo, o qual se produz, conforme dissemos, pela projeção da intensidade sobre a extensidade. Assim, qualquer ponto dentro do espaço tensivo corresponderá a um fato semiótico que, obrigatoriamente, terá uma valência em termos de intensidade e outra valência em termos de extensidade. Ainda segundo o autor, “um dos méritos do espaço tensivo, por mais rudimentar que seja, é o de obrigar-nos a investigar a amplitude, a velocidade e a duração dos devires” (ZILBERBERG, 2011a, p. 23).

O eixo da intensidade opera por meio dos pares [impactante vs. tênue]; o eixo da extensidade, por sua vez, pelos pares [concentrado vs. difuso]. Segundo Zilberberg (2011a, p. 67), são esses pares que controlam o acesso ao campo de presença. Assim, no que tange à intensidade, uma grandeza acessa o campo de presença de forma proporcional à quantidade de impacto que carrega consigo e, em termos de extensidade, ela será mais ou menos difusa, a partir das operações de mistura e triagem. No diagrama a seguir, temos a representação gráfica:



Cabe dizer que, quanto mais um fato semiótico tender à concentração, mais ele será guiado pelos valores de absoluto. Por outro lado, quanto mais esse fato tender à difusão, mais ele será governado pelos valores de universo. No caso dos valores de absoluto, entram em jogo as operações de triagem; no caso dos valores de universo, opera-se por mistura.

Zilberberg (2011a, p. 93), além disso, prevê dois tipos de correlação entre intensidade e extensidade. A primeira delas é a correlação conversiva, na qual, quanto maior a intensidade, maior será a extensidade. Na correlação inversa, por sua vez, quando maior a intensidade, menor a extensidade e vice-versa. Nos gráficos a seguir, tais relações estão representadas:



Em Zilberberg (2011a, p. 69, 250), passa-se a denominar os eixos da intensidade e o da extensidade de “dimensões”, (“valências”, em *Tensão e significação*) termo tomado, segundo o autor, da obra *La catégorie des cas*, de Hjelmslev. Cada dimensão comporta, por sua vez, duas subdimensões. A intensidade, assim, une andamento e tonicidade, enquanto a extensidade comporta temporalidade e espacialidade. O quadro a seguir representa tais esquizias:

Dimensões	INTENSIDADE (regente)		EXTENSIDADE (regida)	
Subdimensões	Andamento	Tonicidade	Temporalidade	Espacialidade

Tomemos, inicialmente, a dimensão da intensidade e suas duas respectivas subdimensões. O andamento se refere à velocidade com que um objeto adentra o campo de presença. Sua oposição básica é o [rápido *vs.* lento]. A tonicidade, por sua vez, representa a força com que esse objeto penetra no campo de presença do sujeito, ou seja, de forma tônica ou átona. Na dimensão da extensidade, unem-se temporalidade e espacialidade. A temporalidade se refere à percepção de duração dos eventos: o tempo do pervir é longo, ao passo que o tempo do sobrevir é breve. Da mesma forma como na temporalidade, na espacialidade há um ponto de vista subjetal a partir do qual o aberto se opõe ao fechado.

Se a dimensão da intensidade rege a sua contraparte, a extensidade, o mesmo é possível em relação às subdimensões. No quadro a seguir, baseado em Zilberberg (2011a, p. 72, 251), estão expostas as várias possibilidades de recção de uma subdimensão por outra e seus respectivos efeitos:

RECÇÃO DE UMA SUBDIMENSÃO POR OUTRA	TIPO DE CORRELAÇÃO	EFEITO
Andamento <input type="checkbox"/> Tonicidade (pertencentes à mesma dimensão)	Conversa	Impacto
Temporalidade <input type="checkbox"/> Espacialidade (pertencentes à mesma dimensão)	Conversa	Universalidade
Andamento <input type="checkbox"/> Temporalidade (pertencentes a dimensões distintas)	Inversa	Abreviamento
Tonicidade <input type="checkbox"/> Espacialidade (pertencentes a dimensões distintas)	Conversa	Profundidade
Andamento <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Espacialidade (pertencentes a dimensões distintas)	Inversa	Estreitamento
Tonicidade <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Temporalidade (pertencentes à mesma dimensão)	Conversa	Persistência

SINTAXE E SEMÂNTICA TENSIVAS

Assim como no percurso gerativo do sentido, em que cada patamar possui uma semântica e uma sintaxe, no que respeita ao nível tensivo, Zilberberg (2011b, p. 66) prevê três sintaxes e três semânticas.

A sintaxe intensiva funciona por meio de aumentos e diminuições no eixo da intensidade, a partir do par *mais* e *menos*. Ascendente é a direção ligada ao *mais*, e descendente, ao *menos*. A sintaxe extensiva, por sua vez, funciona através das operações de mistura e de triagem no eixo da extensidade: quanto maior for a tendência à difusão, mais estarão em jogo os valores de universo; quanto maior a tendência à triagem, mais os valores regentes serão os de absoluto. Por fim, a sintaxe juntiva leva em conta as operações de concessão e de implicação. Esta, segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 237), “é uma alternativa à implicação quando a ligação entre a competência e a performance não é mais necessária, mas impossível ou contingente”. Assim, a sintaxe juntiva reúne dois estilos discursivos: o implicativo, que se apoia numa lógica de pressuposição, e o concessivo, que se apoia numa lógica da ordem do imprevisto, isto é, quando a sobrevinda do acontecimento surpreende o sujeito semiótico de uma tal maneira que a ele só lhe resta a “tempestade modal” de que fala Zilberberg (2011a, p. 236), tema tratado nas próximas seções.

Quanto à semântica tensiva, o autor, da mesma forma, dispõe os termos segundo a intensidade, a extensidade e a junção, e segundo as matrizes sobrecontrário átono, subcontrário átono, subcontrário tônico e sobrecontrário tônico. Assim, a semântica intensiva reúne os termos: nulo, tênue, forte, supremo. A semântica extensiva, por sua vez, compõe-se dos termos universal, comum, raro e exclusivo. A semântica juntiva, por fim, congrega os termos necessário, esperado, inesperado, surpreendente.

ESTILOS DISCURSIVOS: ACONTECIMENTO E EXERCÍCIO

Dizem Fontanille e Zilberberg (2001, p. 237):

A forma implicativa é talvez a mais estudada, mas também menos propícia a manter a atenção de um narratário, na medida em que a força da ligação de necessidade cria, numa área cultural determinada, uma espera e uma previsão muito premente.

O exercício, estilo discursivo a que se referem os autores, está diretamente ligado à noção de narratividade que, por muito tempo, foi o principal ponto de interesse da semiótica. Atualmente, entretanto, a emergência de estudos que levam em conta o aspecto sensível, os eventos fortuitos, trazem à tona um outro ponto de vista que privilegia outro estilo discursivo: o acontecimento, regido pela concessão. Com efeito, afirma Zilberberg (2007, p. 16): “Seria incompreensível que a semiótica continuasse a agir como se o acontecimento não existisse”. Por catálise, depreende-se da citação que se a “forma implicativa é a menos propícia a manter a atenção do narratário”, a forma concessiva – a do acontecimento – ao contrário, consegue cooptar de forma mais intensa e duradoura seu interesse.

Em Zilberberg (2007, p. 25), o autor estabelece três modos – eficiência, existência e junção – cujos respectivos termos configuram os estilos discursivos a que faz alusão o título desta seção: o acontecimento e o exercício.

O modo de eficiência designa “a maneira pela qual uma grandeza se instala num campo de presença” (ZILBERBERG, 2007, p. 18). Se a grandeza se instala lentamente, configura-se a modalidade do pervir. Se, ao contrário, penetra abruptamente, tem-se a modalidade do sobrevir. O modo de existência, por sua vez, refere-se à alternância entre os pares foco e apreensão. Tais termos se referem ao correlato subjetal dos termos pervir e sobrevir. No caso do foco, há um sujeito operador que age, muito próximo ao sujeito do fazer; não há surpresas, mas relações pressupostas tais como no esquema narrativo. Na apreensão ocorre o contrário; não se trata mais de um sujeito do fazer, mas um sujeito do estado que sofre, que suporta, que, enfim, é invadido pelo objeto que surge *ex abrupto*. O modo juntivo, por sua vez, coincide com a sintaxe juntiva vista na seção anterior, e articula o modo implicativo e o modo concessivo:

No caso da implicação, o direito e o fato se respaldam mutuamente. Sua esfera é a da implicação: “se a, então b” e geralmente da causalidade legal. [...] No caso da concessão, o direito e o fato estão em discordância um do outro. Ela tem como emblema a dupla formada pelo embora e pelo entretanto: “embora a, entretanto não b” (ZILBERBERG, 2007, p. 23).

Para o autor (ZILBERBERG, 2007, p. 25), o estilo discursivo do acontecimento se define estruturalmente a partir de cada um dos pares dos modos de eficiência, de existência e de junção, a saber: o sobrevir, a apreensão e a concessão. O estilo discursivo do exercício, por

sua vez, tem sua estrutura composta dos termos pervir, foco e implicação, a partir dos modos já mencionados. A seguir, apresentamos de forma esquemática a estrutura do acontecimento e do exercício:

determinados → determinantes ↓	ACONTECIMENTO	EXERCÍCIO
modo de eficiência	sobrevir	pervir
modo de existência	apreensão	foco
modo de junção	concessão	implicação

Acontecimento e exercício são, pois, duas grandes orientações discursivas. A primeira corresponderia à problemática do surpreendente, do inesperado, regido por uma lógica concessiva. A segunda, por sua vez, à questão da narratividade que, por anos, foi o principal foco de interesse da semiótica, a qual, por sua vez, é governada pela lógica implicativa. Com efeito, para Zilberberg (2011a, p. 171) o acontecimento e o esquema narrativo canônico são duas grandes vias possíveis de sentido. São, em suma, duas perspectivas discursivas:

A narratividade, que o acontecimento virtualizou, reclama seus direitos, em compreensão ou em explicação, conforme o estilo persuasivo vigente. De que modo? Considerando o acontecimento como o ponto de chegada cuja origem não é imediatamente identificável (ZILBERBERG, 2011a, p. 190).

Assim, pode-se dizer que, pela ótica da tensividade, a narrativa corresponderia ao discurso do exercício, enquanto o acontecimento, para esta última, à performance cujas fases anteriormente pressupostas estão virtualizadas.

6. SINTAXE DO ACONTECIMENTO

Tendo sido introduzidos alguns elementos da gramática tensiva, detenhamo-nos naquilo que se considera o seu cerne: o acontecimento [*événement*]. Zilberberg (2011a, p. 46) chega mesmo a designar a semiótica tensiva como uma semiótica do acontecimento, ao afirmar: “ao lado de uma semiótica fascinada ou talvez até alienada pela produção, apropriação e circulação dos objetos de valor, está se delineando uma não menos consistente *semiótica do acontecimento*”.

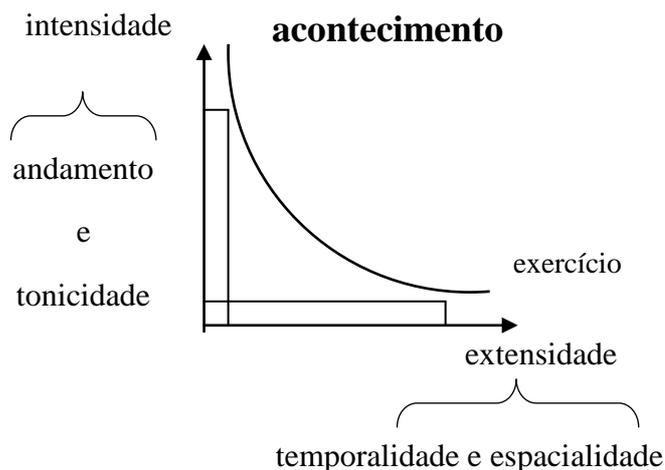
Assim, cumpre, de início, diferenciar “fato” de “acontecimento”: “o fato tem por correlato intenso o acontecimento. [...] O acontecimento é o correlato hiperbólico do fato, do mesmo modo como o fato se inscreve como diminutivo do acontecimento” (ZILBERBERG, 2007, p. 16). O acontecimento, dessa forma, é raro ao passo que o fato é numeroso. Ademais, o acontecimento concentra uma carga tímica paroxística. Este também se caracteriza por não poder ser visado, antecipado, pois, “*quando a coisa acontece, já é tarde demais!*” (ZILBERBERG, 2011, p. 169)

A sintaxe do acontecimento é definida como o produto das subvalências paroxísticas andamento e tonicidade. Em termos simples e breves, é o produto da velocidade aguda de um evento com sua energia e força de impacto no sujeito. Essas subdimensões da intensidade agem juntas, perturbando o sujeito por meio de uma “tempestade modal” (ZILBERBERG, 2011a, p. 236) instantânea, deixando-lhe apenas um sofrer que se sobrepõe ao agir: “O acontecimento, por ser portador do impacto, manifesta enquanto tal que o sujeito trocou ‘a contragosto’ o universo da medida pelo da *desmedida*” (p. 163). Noutros termos, o acontecimento significa levar a afetividade ao auge, e tornar a legibilidade, a intelecção, nula.

Quanto às subdimensões da extensidade, a temporalidade é aniquilada – o tempo fica “fora dos eixos”. O mesmo se pode dizer da espacialidade, pois o sujeito, estupefato, vê-se “pregado” no chão, ou, num lapso de tempo, engolido por um buraco negro, retirado de sua própria ambiência:

O acontecimento, na qualidade de grandeza tensiva, deve ser apreendido como uma inversão das valências respectivas do sensível e do inteligível. Marcado por um andamento rápido demais para o sujeito, o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade (ZILBERBERG, 2011, p. 190).

No diagrama a seguir, representa-se graficamente o acontecimento, na parte superior esquerda do espaço tensivo, e o exercício, na porção inferior direita:



A hipótese de acontecimento para Zilberberg é, assim, a “realização súbita e extática do irrealizável” (2011, p. 176), mais precisamente, esse sistema levaria em conta o modo concessivo, oposto ao implicativo, segundo o qual: *ainda que não fosse possível, tal coisa aconteceu*.

Agindo contra esse programa, o discurso atua como um contraprograma, uma espécie de frenagem do andamento acelerado, isto é, uma intelecção do que é essencialmente sensível: “O discurso se empenha em refazer aquilo que a exclamação desfez” (ZILBERBERG, 2011a, p. 194). Ou, ainda: “O acontecimento significa literalmente a negação do dizer, a negação do discurso. [...] O acontecimento é antes de tudo um não-sei-o-quê que deixa o sujeito sem voz, sem a *sua voz*” (ZILBERBERG, 2011a, p. 189). Por isso, o discurso depende do acontecimento e do fato para existir. Ele se constrói justamente pela sucessão de continuidades de discontinuidades, o que justifica a existência de um programa de frenagem a que o semiótico se referiu.

Cumprido afirmar também que o acontecimento satura o campo de presença, por isso, nas palavras que Zilberberg (2011a, p. 192) toma emprestado de Tocqueville, “prescinde de significação, mas apenas momentaneamente”. Porém, seu destino inexorável é perder em intensidade e ganhar em extensidade. Assim, “o sujeito consegue progressivamente, por si próprio ou com auxílio, reconfigurar o conteúdo semântico do acontecimento em estado” (ZILBERBERG, 2011a, p. 168). Em suma:

O acontecimento não pode ser *apreendido* senão como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo. Mas nada

nem ninguém conseguiria impedir que o tempo logo retome seu curso e que o acontecimento entre pouco a pouco nas vias da potencialização, isto é, primeiramente, na memória, depois, com o tempo na história, de maneira que, *grosso modo*, tal acontecimento ganhe em legibilidade, em inteligibilidade, o que perde paulatinamente em agudeza (ZILBERBERG, 2011a, p. 169).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fiorin (2008) mostra que o sentido, objeto essencialmente dinâmico, transformou-se num modelo estático, por meio do qual se buscavam as invariantes, as recorrências, em detrimento das particularidades de cada texto, seja na primeira fase estrutural da linguística e da semiótica, sejam naquelas que se declararam pós-estruturalistas. Tal atitude conduziu a resultados consideráveis, no entanto, deixaram de lado uma característica fundamental da linguagem: o caráter instável, movediço, dinâmico da produção do sentido.

Assim, conforme procurou-se demonstrar, neste artigo, a semiótica tensiva emerge como uma perspectiva teórica privilegiada para o estudo de fenômenos discursivos e textuais caracterizados pela instabilidade, pelo afeto, pela gradação, pela sobrevivência do acontecimento, que retira o sujeito de sua própria ambiência, fazendo dele um sujeito do sentir. O discurso, pela ótica tensiva, reorganiza aquilo que o acontecimento desfez e, graças à tensão entre estados de coisas e estados de alma, faz com que esse sujeito do sentir, devastado pela tempestade modal a que se refere Zilberberg, ganhe inteligibilidade à medida em que a intensidade decresce em função da temporalidade. Cabe dizer, finalmente, com base na epígrafe que abriu este texto, que a semiótica tensiva não se ocupa da constatação de uma isotopia afetiva no discurso, mas apresenta instrumentos teóricos e metodológicos para quantificar e qualificar esse afeto e, sobretudo, tratar do caráter instável do sentido, característica inalienável de nosso estar no mundo.

REFERÊNCIAS

BEIVIDAS, Waldir. *Pulsão, afeto e paixão: psicanálise e semiótica*. Revista Psicologia em estudo. V. 11, p. 391-398, 2006.

_____. *Inconsciente e sentido: psicanálise, linguística, semiótica*. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. A dimensão do afeto em semiótica: entre fenomenologia e semiologia. In: MARCHEZAN, Renata Coelho; CORTINA, Arnaldo; BAQUIÃO, Rubens (Org.). *A abordagem dos afetos na semiótica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 13-34.

_____; RAVANELLO, Tiago. Reflexões sobre o discurso: a linguagem como re-criação do mundo. In: LARA, G. M. P. (Org.). *Lingua(gem), texto, discurso*. Entre a reflexão e a prática. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

FIORIN, José Luiz. A semiótica discursiva. In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Org.). *Análises do discurso hoje*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 121-144.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução de I. C. Lopes; L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. *Semiótica do discurso*. Tradução de J. C. Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens: essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

_____. *Semântica estrutural*. Tradução de H. Osakape e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1973.

_____; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de M. J. R. Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Da imperfeição*. Tradução de A. C. Oliveira et al. Hacker editores: São Paulo, 2002.

_____; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDOWSKI, Eric. O livro de que se fala. In: GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Tradução de A. C. Oliveira et al. Hacker editores: São Paulo, 2002. p. 125-150.

LARA, Gláucia Muniz Proença Lara; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____; _____. Um panorama da semiótica Greimasiana. *Alfa*, v. 53, n. 2, 2009.

_____. ; MENDES, Conrado Moreira. *Exterioridade discursiva no conto “A Ceia”*, de Lygia Fagundes Telles: por uma perspectiva semiótica. *Revista de Estudos da Linguagem* (UFMG), v. 19, p. 105-126, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de C. A. R. de Moura. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZILBERBERG, Claude. *Eléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim, 2006.

_____. Louvando o acontecimento. Tradução de M. L. V. P. Diniz. *Revista Galáxia*. São Paulo, nº 13, p. 13-28. jun. 2007.

_____. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011a.

_____. *Des formes de vie aux valeurs*. Paris: PUF, 2011b.